

Cosmopolíticas da resistência: uma leitura crítica de *Entre risos e perigos*, de Suzane de Alencar Vieira

THIAGO DA SILVA SANTANA 

Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis, SC, Brasil

santana-thiago@outlook.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe228015



Vieira, Suzane de Alencar. 2023. Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia. Rio de Janeiro: 7 Letras

Suzane de Alencar Vieira, autora da obra que é referência desta resenha, apresenta-se como antropóloga, mãe e pesquisadora. Ela também é professora na Universidade Federal de Goiás (UFG). Com uma longa carreira acadêmica, graduou-se em Ciências Sociais pela UFG em 2007, tornou-se mestre pela UNICAMP em 2010 e doutora pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2015, especializando-se em Antropologia Social em ambos os cursos. Sua pesquisa centraliza-se na antropologia das



e228015

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe228015>

populações afro-brasileiras, na ecologia política, antropologia da ciência, antropologia política e das etnográficas multiespécies. Desde 2011, realiza pesquisas com comunidades quilombolas em Caetité, na Bahia, focando em conhecimentos ecológicos, energia nuclear e resistência política. Em 2022, ganhou o Prêmio de Docente Formadora de Licenciatura Prof. Rubens Murillo Marques da Fundação Carlos Chagas. Além do livro que compõe esta resenha, Vieira também é autora de *Césio-137, Drama Azul: Irradiação em Narrativas*. Em 2024, *Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia* foi agraciado com o Prêmio Jabuti Acadêmico, no eixo Ciência e Cultura, confirmando sua relevância para os debates acadêmicos e públicos sobre ecologia, política e quilombos.

Essa distinção coroa uma obra que é, desde já, referência incontornável na antropologia contemporânea brasileira. Com sua poética narrativa e sólida investigação de campo, Vieira oferece uma etnografia engajada e profundamente sensível, ao mesmo tempo rigorosa e afetiva. Seu compromisso com as comunidades quilombolas e sua habilidade em entrelaçar análise e escuta se destacam desde as primeiras páginas. A autora mobiliza, ao longo do livro, uma constelação teórica ampla e articulada, sem jamais obscurecer o protagonismo de seus interlocutores. O texto, ao mesmo tempo que documenta, age: pensa com e a partir das comunidades quilombolas, e nos interpela sobre os modos de resistência e criação diante dos perigos que atravessam o sertão baiano.

Sua obra, *Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia*, está dividida em várias seções: Prefácio, Introdução, sete capítulos e na conclusão, que a autora chama de Palavras Finais, além das referências bibliográficas. No Prefácio, o professor Marcio Goldman destaca que o livro de Vieira é uma etnografia que não só documenta, mas também se compromete com a transformação e a resiliência das comunidades quilombolas, através de uma abordagem teórica e prática que valoriza suas perspectivas e existência. Na Introdução, a autora já nos apresenta o mundo pelo qual navegaremos em suas páginas, seus personagens, o cenário em que eles vivem, bem como a estrutura a seguir do livro.

Vieira ressalta que seu livro é "uma história de resistência da qual fiz parte como uma 'pegadeira de palavras', a maneira como meus amigos designavam o ofício da etnografia" (Vieira, 2023: 28). Sua obra não se foca somente nos perigos e ameaças enfrentados pelas comunidades rurais e quilombolas para fazer pesquisa e escrever, mas sim destaca a força e a riqueza de seu modo de vida. Seu objetivo central foi transmitir nas páginas uma perspectiva humanizada de resiliência das comunidades, valorizando, no contexto da ecologia política, elementos importantes como a alegria, o humor, a brincadeira e a própria resiliência.

No primeiro capítulo, a antropóloga nos apresenta Joaquim, Teresa, suas relações com a cidade e as pessoas, e a comunidade quilombola de Malhada, localizada no distrito de Maniaçu, noroeste de Caetité, na Bahia, que abriga cerca de 37 famílias. Passeamos junto com seus personagens pela feira, pelas folhagens e frutas que os interlocutores de Vieira compartilham e nos esquentamos junto ao fogão a lenha na casa da família. Neste capítulo, discute como a comunidade quilombola mantém relações sociais, explorando mecanismos como a conexidade da parenteza, que envolve laços familiares e de parentesco, além de fluxos de palavras e afetos denominados por ela como 'parentagem'. Utilizando contribuições da/os

antropóloga/os Marilyn Strathern (1996), Roy Wagner (1977) e Schneider (2004), é perceptível o desenvolvimento de uma análise do parentesco e do compadrio, evocando termos como “ato de diferenciação adequada”, “fundo de similaridade”, “convencionalização” e invenção (cf. Wagner, 1977, 2010a, 2010b). Vale destacar que, neste capítulo, descreve “tocar parenteza” como uma performance de conexidade que atualiza alguns vínculos de uma rede de cognação indefinidamente extensível, argumentando que a concepção de parenteza vai além de uma visão estritamente genealógica do parentesco consanguíneo, ampliando a compreensão de parentesco para além das estruturas convencionais.

No capítulo dois, “A arte da pirraça”, Suzane de Alencar Vieira inicia refletindo sobre seu lugar no campo e sua tarefa de “pegar as palavras”. Ela nos conta sobre sua rotina e, junto com Fravet-Saada (2005), nos envolve nos afetos da sociabilidade da comunidade da Malhada. Neste capítulo, há um desenvolvimento de como a “pirraça” atua como prática discursiva nas comunidades rurais de Caetité. Ao definir pirraça, sugere que esta é um jogo de enfrentamentos discursivos de caráter agonístico, uma vez que envolve rivalidade e hostilidade, mas também amizade, tendo como objetivo ao mesmo tempo provocar humor e divertir, como formar resistência, de enfrentamento micropolítico, ativando processos dissidentes de subjetivação. A pirraça é importante principalmente nos contextos de negociação entre funcionários de empresas - especificamente a empresa de energia eólica da região. Ao longo do capítulo, a autora destaca a importância de entender as práticas a partir das perspectivas locais de sabedoria e de violência e apresenta outras práticas discursivas nativas, como o samba de roda, disputa de leilões, dança de reisados, adivinhas e perguntas.

“A arte da proteção”, o capítulo três, se inicia com um diálogo entre Vieira e seus interlocutores sobre rezas, quebrantos, afetos de olho, curadores, espíritos, cemitérios, saber e não saber, fazer e não fazer, e salvação da alma. Aponta logo de início que a questão da “adivinhação” está relacionada às práticas divinatórias, divergindo do termo utilizado no capítulo anterior. Isto porque, o tema das práticas de proteção contra perigos visíveis e invisíveis, utilizando-se de dispositivos divinatórios - apresentado como adivinhação, serão importantes para saber interpretar e lidar com os perigos. A antropóloga nos conta que descobriu em campo que a interpretação e a enunciação são arriscadas, isto porque tangenciam a esfera da feitiçaria ao mesmo tempo em que são vistas como práticas de cura, isto porque na vida cotidiana existe uma fina película onde atualizações sobrenaturais deixam seus rastros. Destaca-se ainda como os quilombolas adotam práticas de proteção e precaução contra diversos tipos de perigos, sejam visíveis ou invisíveis, tendo as comunidades um conhecimento profundo sobre remédios e venenos, o que lhes permite observar com perspicácia os perigos ao seu redor.

O capítulo quatro nos traz, inicialmente, a relação da autora com Maria de Bezim. Intitulado “A arte de romper”, o capítulo aponta como ela era vista pelos interlocutores: “Ela precisa andar muito para pegar as palavras para o livro dela” (Vieira, 2023: 196). Explorando inicialmente a ideia de “ir rompendo”, compreendemos que o agenciamento desta palavra vai além do ato físico de caminhar, mas adquire um significado mais profundo. Os rompimentos apresentados no texto são sobre atravessar situações difíceis e limitantes, envolvendo tanto o sentido de cortar ou interromper algo quanto abrir caminho para seguir adiante. Neste capítulo, Suzane de Alencar Vieira transcreve histórias importantes de seus

interlocutores, sobre rotas e suas inversões - baianos, agenciamentos sampauleiros, fugas e cativos, neste momento, percebe-se a fluidez dos movimentos do campo que vão até São Paulo e encontram um pouco de Bahia, e que já encontram pedaços paulistas em terras baianas.

“A arte da treta” é o nome do capítulo cinco, que explicita a participação na política eleitoral das comunidades quilombolas de Caetité através de seus moradores. Vieira argumenta que a compreensão quilombola da política, especialmente em tempos eleitorais, oferece uma perspectiva única que desafia a visão ocidental dominante de política. A “treta” é criticada pelas comunidades rurais, pois como gíria quer dizer conflito, engano ou manobra, e representa como os quilombolas percebem e interagem nas práticas políticas tradicionais. O conhecimento da política local traz um profundo entendimento das convenções do pensamento político ocidental. Mesmo assim, os quilombolas não se deixam ser passivos durante o período eleitoral, se envolvendo em variadas formas de mobilização política e social. Assim, a antropóloga explora as teorizações nativas da política que surgem do confronto com a política partidária e os movimentos sociais, especialmente durante as campanhas eleitorais municipais. Termos como “treta”, “divisão” e “desaforo” são categorias fundamentais na teoria política quilombola e orientam suas ações e entendimentos no contexto político; elucidando assim, como os quilombolas entendem e praticam a política, destacando a importância do “tempo de política” como um período de ruptura com o cotidiano, onde diferentes sistemas simbólicos e formas de socialidade entram em conflito e são negociados.

No capítulo seis, “A arte da criação”, a autora inicia descrevendo o céu de setembro, informando sobre a relação e a leitura das fases da lua, feita pelo interlocutor Joaquim. A antropóloga destaca a relação da natureza com a comunidade de forma mais profunda, inclusive como ela também estava com um olhar apurado para - afetada pelos - os sinais da natureza, na convivência com eles: as chuvas de agosto, a chuva da planta, o tempo da plantação. A relação entre fluxos e processos da natureza, com a entrada de cada tempo das águas, e como isso influencia na economia política criativa, são pontos-chave neste capítulo. Vale destacar que a autora explora como os moradores da Malhada - e outras comunidades quilombolas - gerenciam a produção e distribuição de recursos dentro de uma economia política singular, que eles percebem como um fluxo contínuo de riqueza, arguindo que a produção nas comunidades quilombolas ativa capacidades produtivas através de uma articulação ecológica específica. Para compreender essa economia política singular, há a necessidade de controlar os pressupostos da economia ocidental e suas abordagens dualistas. Ela utiliza uma etnografia meticulosa e extensa pesquisa de campo para examinar como esses quilombolas produzem e distribuem recursos.

No sétimo capítulo, “A arte de assuntar”, Vieira volta a trazer para a história a Urana, já falada em outros capítulos, que ela define como radioatividade, através de uma conversa com Maria Francisca. A autora discute como os moradores das comunidades quilombolas percebem e refletem sobre as mudanças ecológicas no contexto de uma mudança de Era, destacando que essa percepção de mudança influencia o potencial criativo das pessoas, animais, riquezas, terra e água, indicando uma variação no modo como esses elementos são vistos e compreendidos. A noção de “assuntar” como uma arte de observação

e especulação que requer precaução, traz importante conceito para entendimento de determinadas escolhas. Assuntar envolve lidar com assuntos complexos e pesados, que muitas vezes ultrapassam a experiência cotidiana e entram no domínio do mistério e do sobrenatural, a prática deve ser cautelosa porque lida com acontecimentos sobre os quais se têm apenas notícias parciais, especialmente em momentos de transição sobrenatural. Assuntar e adivinhar são vistos como modalidades enunciativas e práticas de conhecimento que utilizam artifícios. A arte de assuntar é caracterizada por uma incompletude fundamental, rejeitando a unidade de significado e a síntese totalizadora do pensamento. Ela lida com o perigo, a indeterminação e a instabilidade, arriscando-se continuamente a cada especulação. Esse processo coloca em movimento um pensamento nômade, agitado pelo humor e pela precaução.

Na finalização de sua obra, Suzane de Alencar Vieira intitula as considerações finais como “Crise e criação ecológica (palavras finais)”, e traz a tensão entre os projetos de desenvolvimento, como os setores energético nuclear e eólico, e as éticas ecológicas dos quilombolas da região do Alto Sertão da Bahia. A autora argumenta que esses projetos de desenvolvimento representam uma ameaça à articulação ecológica que sustenta o fluxo criativo da vida na região, algo que os quilombolas percebem como crucial. Vemos assim, que os quilombolas resistem aos acordos sobre “energia limpa” porque acreditam que esses acordos desconsideram e ameaçam a multiplicidade e a riqueza do ecossistema local. Eles defendem uma concepção de riqueza e uma articulação ecológica que redistribui recursos de maneira mais justa, em contraste com a visão de desenvolvimento que se foca exclusivamente no potencial energético das serras. Por fim, Vieira faz referência à “cosmopolítica” de Isabelle Stengers, sugerindo que é essencial levar a sério as objeções dos grupos minoritários, como os quilombolas, que são frequentemente desqualificados pela política e pela ciência dominante, e destaca que as contestações mais significativas à destruição ecológica não se alinham com a concepção moderna da natureza como um recurso para exploração capitalista, que em vez disso, advogam por uma visão de natureza que reconhece e respeita a multiplicidade e a interconexão dos ecossistemas.

Se a autora cumpre com maestria sua proposta etnográfica, é justamente por isso que sua obra também deixa em aberto algumas trilhas possíveis para investigações futuras. Por exemplo, embora o livro explore com densidade o universo ecológico, simbólico e político das comunidades quilombolas, há pistas que poderiam ser mais desenvolvidas em relação à juventude quilombola, às pedagogias locais e às tecnologias digitais que emergem no campo como extensões ou rupturas das artes tradicionais de assuntar, adivinhar e resistir. São pistas preciosas, discretamente lançadas, que podem desdobrar-se em novas pesquisas. Também seria instigante aprofundar a cosmopolítica proposta por Stengers em diálogo mais direto com o pensamento ameríndio e afro-brasileiro, abrindo espaço para uma epistemologia comparada entre mundos e modos de vida em conflito e coexistência.

A obra de Suzane de Alencar Vieira contribui de maneira singular para o campo da antropologia, ao destacar com originalidade a complexidade das práticas de resistência, criação e cuidado das comunidades quilombolas. Sua etnografia, envolvente e cuidadosa, se insere em debates fundamentais da ecologia política, da antropologia da ciência, da política e das populações afro-brasileiras, além de renovar o modo como pensamos parentesco,

economia e espiritualidade a partir do sertão baiano. Vieira costura suas palavras pegadas em um texto coeso, esteticamente potente e teoricamente provocador, que nos convida a refletir sobre outras formas de vida possíveis. A autora não apenas contribui para a compreensão acadêmica das comunidades quilombolas, mas também para o fortalecimento de suas lutas. Com isso, *Entre risos e perigos* não é apenas uma etnografia de resistência, mas também um gesto político e sensível de esperança.

Referências Bibliográficas

- Favret-Saada, Jeanne. 2005. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*, v. 13, n. 13, p. 155-161.
- Schneider, David. 2004. “What is kinship all about?”. In: Parkin, Robert; Stone, Linda (Eds.). *Kinship and family: an anthropological reader*. Boston: Blackwell Publishing, 257-274.
- Stengers, Isabelle. 2015. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify.
- Strathern, Marilyn. 1996. “Cutting the network”. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 2, n. 3: 517-535.
- Vieira, Suzane de Alencar. 2023. *Entre risos e perigos: artes da resistência e ecologia quilombola no Alto Sertão da Bahia*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Wagner, Roy. 1977. “Analogic Kinship: a Daribi example”. *American Ethnologist*, Vol. 4, n. 4: 623-642.
- Wagner, Roy. 2010a. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- Wagner, Roy. 2010b. “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”. *Cadernos de Campo*, vol. 19, n. 19: 237-257.

sobre o autor

Thiago da Silva Santana

Doutorando em Antropologia Social pela UFSC, Mestre em Antropologia Social (2021) pela mesma instituição. Bacharel em Direito (2019) e Bacharel Interdisciplinar em Humanidades (2014) pela UFBA. Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (GESTO/UFSC). Co-fundador do Coletivo de Antropólogos Afro-Indígenas (CAAIS) do PPGAS/UFSC. Membro do Projeto de Extensão Permanente Ebó Epistêmico (UFSC), que desenvolve atividades de letramento racial em escolas públicas de educação básica. Advogado membro do Kabecilê Jurídico, grupo formado pelo Movimento Negro Unificado de Santa Catarina (MNU/SC), sem fins lucrativos (pro bono).

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: sem financiamento

Recebido em 15/08/2024.

Aprovado para publicação em 11/04/2025.